

Há algumas dezenas de homens presos há seis meses sem culpa formada nas esquadras de Lisboa

Dois manifestos eloquentes apaixonaram a opinião pública nestes últimos dias; um, assinado por sessenta intelectuais, escritores, artistas, poetas e jornalistas verberando as deportações sem julgamento e as prisões de operários sem culpa formada; outro, assinado pelos "présores" por questões sociais há seis meses sem culpa formada.

Por esses manifestos dá-se o povo conta das tremendas injustiças que se têm praticado ultimamente em Portugal. A opinião pública não pode suportá-las por mais tempo.

Ninguém pode estar preso mais de oito dias sem culpa formada, resa a Constituição da República. Entretanto, há seis meses que cerca de quarenta operários se encontram detidos sem culpa formada.

O manifesto que esses homens acabam de mandar distribuir possui a eloquência do sofrimento atroz e da razão irrefutável. Porque se encontram esses homens ainda na prisão? Como se compreende que o ministro do Interior possa dormir descansado no seu leito confortável, enquanto esses homens, postos à margem da lei, da justiça e da Humanidade, dormem nas esquadras húmidas e frias sem uma enxerga sem um carinho, sem um agasalho, por este duro e frio inverno? Porque estão presos esses homens? Não se sabe.

Dias antes de suas prisões se efectuarem foram para a cadeia os revoltosos de 18 de Abril, que eles combateram na doce ilusão de defenderem a Liberdade, quando era a tirania, afinal, que eles consolidavam com o seu gesto heroico. Os revoltosos já foram julgados, já foram absolvidos no vergonhoso comício da Sala do Risco — e eles, os operários, incommunicáveis nas esquadras à espera do julgamento ou da liberdade. Mais tarde, a 19 de Julho, fez-se outra revolução contra o regime e os insurrectos já foram absolvidos. Só os operários, que se tinham sacrificado pela república, continuam presos — há seis meses! — sem culpa formada, à margem da lei e da justiça.

Enquanto os inimigos do regime agora absolvidos, mesmo na prisão, eram tratados com a consideração que devem merecer todos os presos, os operários suportavam todos os vexames, todos os insultos todas as barbaras agressões!

O manifesto relata esses sofrimentos na linguagem fulgurante da verdade. Damos-lhe a palavra:

A 29 de Abril dão-se as primeiras deportações. São enviados para as paragens mortíferas da Guiné 18 operários sem que tivessem sido julgados, isto é, fora de todos os preceitos jurídicos usados até então. Mas isto não basta. As perseguições continuavam cada vez mais ferozes. Os espancamentos sucedem-se ininterruptamente. A 15 de Maio é levado a efeito um atentado contra o comandante da polícia. Estava achada a justificação para as perseguições anteriores e para as que se lhe deviam seguir. Os perseguidores então recrudescem no seu furor. A perseguição atinge o auge. As garantias são novamente suspensas. Aumenta o número de prisões aos presos. Toda a gente é acusada de tomar parte no atentado. A 29 de Maio é assassinado o cobardemente pela polícia um dito atentado acusado de tomar parte no dito atentado ao comandante da polícia. No mesmo dia são deportados mais 23 operários.

Mas tudo isto ainda não bastava. Inventam-se atentados que nunca se fizeram. Arquitectam-se "complots" tenebrosos que só existem na imaginação maquiavélica dos polícias encarregados de perseguir os avançados. Um desses famosos "complots", o da quinta dos Peixinhos, podemos provar que foi preparado pela polícia.

Fazem-se mais prisões. Arrancam-se confissões à pancada. Um preso enlouqueceu. Mais outro, Domingos Pereira, é também cobardemente assassinado. Nesta altura surgem mais fortes os protestos contra a infâmia. Mas prepara-se nova leva de deportados que por circunstâncias várias não seguiu. Então as prisões mantêm-se por tempo indeterminado. Há presos que chegam a estar incommunicáveis mais de 80 dias — a lei marca o máximo 48 horas.

Estes acontecimentos não encontram na linguagem humana adjectivos suficientemente expressivos para os qualificar.

Chegaram as cousas a ponto tal que o governo, se possui vergonha e brio só tem, de dois, um caminho a escolher: ou submeter esses homens a julgamento, ou pô-los imediatamente em liberdade!

DOS LIVROS E DOS AUTORES

"DEUS PAN", NOVELAS

POR

JOSÉ DIAS SANCHO

Nestes últimos anos uma geração de modernos escritores entrou de afirmar a sua envergadura literária. Novos elementos de valor começam a conquistar as simpatias do público com os seus arrojados de estilo, uns, com sereno equilíbrio, outros, os que, desprezando as leis fundamentais da Arte e da Beleza, se entregaram ao simples maneio da frase espantosa, sem outra significação que não fosse o seu intuito de *épater* o burguês assustado, tiveram um triunfo efêmero e caminham já para um rápido declínio; os que, alimentando um sonho de renovação literária, quiseram dar à sua arte de escrever um cunho moderno adaptado à vida de hoje, caminham a passo firme para o triunfo definitivo.

Escrever não é apenas a arte de alinhar frases, é, principalmente, a arte de exprimir com beleza e simplicidade os sentimentos mais diversos e complicados, as fantasias mais arrojadas, os pensamentos mais altos e transcendentes. Uma literatura de frases é uma literatura morta, uma literatura de sentimentos e de ideias é um corpo vivo, palpante, de existência mais duradoura do que a dos homens.

De entre os escritores modernos que souberam exprimir, por meio de uma linguagem mais móvel, os eternos sentimentos humanos destacam-se José Dias Sancho, que vem de publicar o seu primeiro livro de vulto. Depois de haver demonstrado em pequenas novelas e artigos dispersos a sua capacidade de escritor, Dias Sancho ingressou, com o recente *Deus Pan*, na corrente positiva dos novos que trabalham e não estão dispostos a quedar-se para sempre nas belas discussões de café.

Deus Pan é constituído por pequenos contos e alguns episódios, que não chegam a ser contos, mas que não deixam de saborear-se de bom grado. O Algarve, alacrez, risonho de sol, encantador no convívio da sua gente, maravilha nas suas lendas, perpassa pleno de vida, de movimento e de cor nas páginas de *Deus Pan*. Os restos de crença popular, nascida na ignorância ou no ambiente propício à lenda daquela formosa província banhada pelas ondas elegantes e espumosas do Atlântico, são por Dias Sancho bem aproveitados como motivo literário.

Não pode classificar-se de modernista a linguagem deste escritor — mas é indubitavelmente elegante, rica de tons pictoriais, e de emoção. Um leve subtil humorismo paira em quasi todas as páginas e é esse humorismo sadio que dá aos personagens cheiros de verdade local, um saboroso aspecto modernista, muito leve.

Das pequenas novelas destacamos a que se intitula *Moinho do Medo*: a mais bela, já

pela técnica que preside à sua factura, já pela riqueza de emoção que contém e pela interpretação admirável do terror medieval que, em pleno século XX, ainda molda em ridículo o espírito das populações rurais e simpáticas.

Olhão, vila cubista, esplêndida crónica com que fecha o seu livro, é uma página literária que por si só valorizaria, com a sua exuberância de cor e de imagens, o formoso livro, se este não tivesse outros méritos de destaque.

E se a pena de Dias Sancho é exímia na interpretação do Algarve ridente e verdejante, igual qualificação lhe poderemos dar quando ela se compraz em pintar, a largas pinceladas, a paisagem taciturna e ampla do Alentejo.

Parece-nos, entretanto, que Dias Sancho desperdiçou as suas esplêndidas qualidades de escritor em assuntos demasiado frágeis. A prosa é infinitamente superior aos assuntos, por vezes, mal empregada em pequenos episódios frouxos de interesse que apenas a beleza e o encanto da linguagem tornam suportáveis.

O regionalismo (porque o seu livro é regionalista) oferece campo restrito para os escritores modernos, como Dias Sancho, cuja amplitude de prosa reclama assuntos universais. A alma humana constitui, no nosso século de luta, de vertigem, de conflitos emocionantes, de loucuras doentias, de ansias ilimitadas de emancipação, um horizonte literário muito mais vasto do que o azul celeste e sorridente que cobre o Oceano nas costas do Algarve, ou a planície dourada e infinita do Alentejo nos ardentés dias de verão.

Esperamos de Dias Sancho, escritor moderno de faculdades excepcionais a que prestamos justiça, um futuro trabalho mais consistente, mais forte, mais profundo em emoção e em grandeza espiritual.

Mário DOMINGUES

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Impedido por varios trabalhos o dr. Sobral de Campos só tarde pôde ontem comparecer às consultas, ficando, em consequência, transferidas as consultas para o próximo sábado às 21 horas.

ASSINEM Os mistérios do Povo

A SAÚDE DO POVO

Uma digressão pelos pavilhões da tinha e da lepra do hospital do Rêgo que vale pela maior defesa do isolamento do hospital de doenças infecto-contagiosas

A tinha, que o vulgo considera pior do que a sarna, é uma moléstia cutânea da cabeça que ataca particularmente as crianças. O seu tratamento não carece de hospitalização. Parece ousada a afirmação. Ela porém não nos pertence, mas sim ao dr. sr. João Pais de Vasconcelos.

A tinha, segundo a opinião daquele ilustre médico, pode curar-se com cinco sessões de Raios X. E' mister para o efeito o aparelho respectivo cuja aquisição importa em alguns milhares de escudos. Todavia, a tinha tem no hospital do Rêgo um pavilhão para o devido tratamento.

Quando ali entramos uma enfermeira cuidava de algumas crianças, procedendo à rapagem do cabelo dum pequeno, expressão alegre, indiferença absoluta pela doença que o ataca.

Os cuidados desta enfermeira sensibillizam-nos profundamente, parecendo mais tratar-se duma mãe combatendo uma doença, do que dum profissional no exercício da sua função. Esta afectividade cal bem onde há sentimento, onde há um elevado conceito de justiça.

A visita ao referido pavilhão foi rápida. Impressões as mesmas que nas enfermarias que já percorremos. Precisa de alguns melhoramentos.

A digressão prossegue. Vamos aos quartos do pessoal masculino e feminino. São a perfeita antítese das dependências congêneres do hospital de São José. Os quartos do pessoal do hospital do Rêgo agradaram-nos.

Aliviam o pessoal do pesadelo da própria profissão. E o alívio ainda seria maior se o pessoal fosse mais numeroso. São apenas 120 empregados para todo aquele serviço. Hemos de concordar que esse pessoal não pode atender as exigências do serviço hospitalar. Como não há autorização para alargar o quadro, aquelas 120 almas terão que arrastar uma vida de trabalho bastante penosa.

Amos a entrar no pavilhão da lepra, destinada a mulheres, quando o dr. João Pais chama a nossa atenção para o perigo que correm as pessoas que vivem em habitações contíguas aos pavilhões das doenças contagiosas. Num rápido relance vimos bem a gravidade desse perigo.

Além dum quartel que está junto ao muro do hospital, há um sem número de barracas, algumas até debruçando-se sobre a cerca do hospital a poucos metros dos pavilhões dos leprosy.

O isolamento a que aludimos nos dois artigos anteriores só se poderá realizar arredando para 20 metros as habitações a que acabamos de fazer referência.

E o engenheiro sr. Prazeres que nos fala neste instante dos projectos sobre isolamento:

—Se não conseguirmos afastar para longe esta pobre gente que habita nos barracões que os senhores vêem, temos que realizar uma importante obra sanitária da qual depende a própria segurança dos vizinhos do hospital.

Refiro-me ao acrescentamento do actual muro e ao respectivo gradeamento que evitaria incursões e excursões ao hospital. Os gatos e outros bichos não voltariam a entrar no hospital como aos doentes ser-lhes-ia vedada a saída.

Regulamentariamente não é proibida a saída dos doentes?

—E', meu amigo. Para dar cumprimento a essa disposição há até vigias, mas que nada vigiam. O problema é só um. Tornar inaccessível a entrada ou a saída de quaisquer pessoas ou seres.

—E quanto custam essas obras?

—Calculamos 150 contos das 3.800 que orçamos para todas as obras.

Falámos depois doutros trabalhos em projecto, aos quais o engenheiro Prazeres se refere com profundo conhecimento de causa, até entrarmos no pavilhão da lepra.

Leitor: A sensação de horror que se apoderou de nós dava uma página emotiva. Contentemo-nos apenas com uma rápida descrição.

TEATRO NACIONAL — Telef. N. 3049
HOJE—Exito brilhantissimo da magnifica peça de CARLOS SELVAGEM

MIRAGEM

O original português de mais difficil interpretação nos últimos tempos

DESEMPENHO MAGISTRAL
 dos setecentistas Ester Leão, Palmira Torres, Albertina de Oliveira, António Pinheiro, Luís Pinto, Clemente Pinto, Ribeiro Lopes e Joaquim de Oliveira com Aurélio Ribeiro e José Balsamo

ENSCENAÇÃO EXTRAORDINÁRIA DO PROFESSOR
ANTONIO PINHEIRO

Luxuoso mobiliário, cedido gentilmente pela casa de Campos Henriques

TEATRO SÃO LUIZ
 Empresa R. Ramos, limit.
HOJE—NOITE DE ARTE
 2.ª apresentação da tonadillera

La Goya

CRIOLOGIA DA MODERNA CANÇÃO
 Representando-se também a encantadora opereta em 2 actos e 4 quadros

A MONTARIA

EDEN TEATRO Direcção artistica de Henrique Santana
 TELEF. N. 3800
HOJE—às 21,15 (9 1/4 da noite)
 Números de actualidade — Lindíssima música
 A ESPIRITUOSA E GALANTE REVISTA

NO PAÍS DO TIRISMO
 CREMILDA DE OLIVEIRA em três papeis de destaque
 Os «compères» pelos graciosos actores
HENRIQUE ALVES e GUILHERME CAUPERS

ANIMADO CONJUNTO—Espalhado desenhos em que tomam, também, parte, além de outros artistas: Justina de Magalhães, Dinah Stchini, Zulmira Bettencourt, Dulce de Almeida, Ricardina Maia, Vina de Sousa, Artur Rodrigues, Alberto Miranda, Alfredo Henriques, José David, Reinaldo de Azevedo, etc.

Deslumbrantes apoteoses
NÃO HÁ ENTRADAS DE FAVOR

TIVOLI
 TEL. N. 5474
 ÀS 8 h. 3/4
 Dois grandes films:
Os herdeiros do tio Jaime
 Engracadíssima comédia com larga colaboração de animais amestrados

— E —
NANUK,
 O ESQUIMÓ
 O melhor documentário da vida das regiões boreais. O mais completo e original neste género

O "RAID" HÍPICO

Um prémio esquecido? Dois protestos contra uma barbaridade

SANTARÉM, 11. — Entre várias rasões que maniveram até aqui o nosso silêncio acerca do Raid Hípico, abunda a do reconhecimento da sua bárbara inutilidade.

A miséria sentida e passada pelo povo, não desapareceu, nem sequer foi detida pelo facto de J. Tanguinho, filho do povo, ter saído vencedor, neste absurdo tour de force em que, para gáudio dos cavalheiros, foi sacrificada estupidamente mais de uma dezena de cavalos. Porém os jornais burgueses viram ali magnífico pretexto para levantar a sua vida empalhadada e tendenciosa.

O estado não menos burguês, não menos corrupto, patrocinou essa especulação escandalosa com o gasto de centenas de contos, com o assassinio bárbaro de 14 cavalos.

Preparou-se uma apoteose gloriosa, para galardoar uma elite militarista. Era necessário um inimigo, um adversário para estabelecer a luta. Admite-se o concurso popular. Todavia, do lado oposto, salienta-se um audacioso — José Tanguinho!

O elemento oficial, porém, manobra na dúvida o prémio da vitória.

Nos vários postos de controle as comissões preparam donativos.

Cabe aqui o motivo destas nossas linhas comentadas: José Tanguinho, entre outros brindes, tinha a seu favor o anúncio de 30 libras em ouro — 3 mil escudos — como prémio da cidade à passagem do primeiro cavaleiro por Santarém. — Sem que até agora saibamos verdadeiramente porque, Tanguinho só recebeu 25 libras. Algum interessado no esclarecimento da verdade procurou para que fizessemos aqui a pergunta: Porque não recebeu José Tanguinho os 500 escudos votados pela Junta Geral desta cidade?

Por felicidade encontramos o sr. Guilherme Nazaré, tesoureiro da Junta geral e inquerimos da veracidade deste caso. Responde-nos que tem em seu poder os 500\$000 votados pela Junta e bem assim a ordem de pagamento. Ignora as razões porque ainda não foi procurado por quem de direito, a fim de entregar aquela importância.

Agradecemos a informação e a fica o assunto posto à discussão e sanção de quem competir. Nós desejamos que o caso se esclareça.—C.

O conselho directivo e administrativo da Liga de Defesa dos Animais, representado pelo seu presidente sr. Rodrigo Guerra Alvares Cabral e pelos srs. A. R. Silva Júnior e E. Tadeu de Castro, entregou ontem ao sr. presidente do Ministério uma representação largamente fundamentada na qual afirma o seu veemente protesto pela forma como foi organizado o «Circuito Hípico de Portugal» e pelas barbaridades que resultaram da sua efectivação. A referida representação pede além disso um rigoroso inquérito sobre a má organização do raid, o que deu origem a inauditas violências e crimes contra pobres cavalos, terminando por pedir a punição de quem se comprovou culpado.

O sr. presidente do Ministério achou muito justa esta reclamação, prometendo atender o pedido da Liga de forma a que os atentados contra os animais sejam rigorosamente punidos como manda a lei.

A seguir, dirigiram-se os comissionados ao ministério da Agricultura onde foram agradecer ao ministro desta pasta, mais uma vez, o decreto 11.069 que proíbe o uso do agulhão para o gado bovino, diploma este que muito vem beneficiar a causa do proteccionismo em Portugal. Fizeram entrega ao ministro de vários exemplares dum cartaz que a Liga vai mandar afixar por estes dias, contendo o decreto 11.069 e os decretos 5.050 e 5.804 sobre protecção e assistência aos animais.

O ministro da Agricultura mostrou-se muito penhorado pela atenção da Liga, prometendo também, por seu lado, fazer quanto em si caiba para minorar o sofrimento dos seres mais atrasados da criação.

Da Sociedade Teosófica recebemos um protesto contra os resultados bárbaros do raid hípico. Trata-se dum gesto bem intencionado mas sem expressão em termos que, por serem próprios da terminologia teosofista nada dizem, nem esclarecem os que não são conhecedores ou defensores do esoterismo.

Na Morgue

Na Morgue deram ontem entrada Júlia da Conceição Ferreira da Silva, 59 anos, do Rio de Janeiro, moradora na rua da Oliveira ao Carmo, que faleceu sem assistência médica, e José Ferreira, 37 anos, corticeiro, residente na rua do Vale Formoso de Cima, 219, 1.ª, que se suicidou.

Aillaud. Em breve lhe faremos detida referência. Entretanto, folheando a deparou-se-nos um trecho que não resistimos à tentação de transcrever. Eis-lo:

«Não cantando dentro da fábrica, porque não pode, o operário despendeu o sabor da música, e nem sequer já sabe cantar no descanso. Fechada a oficina ao fim de cada dia, abre-lhe a Sociedade das noites, para o distrair, a taberna, a jogatina, e o cinema, que é outra sábia combinação do movimento e do mutismo. Boi atrelado a um carro que não chio, o operário naturalmente, rumina apenas. E o estúpido burguês admira-se e estranha que ele rumine apenas tédio, inveja, rancor, ou insinuas vagas, mas torvas, de felicidade impossível. O estúpido burguês, que almoça e janta ao som de sextetos afinados, admira-se e estranha que o operário interrompa, conspurcando em surdina, o silêncio a que o condemnaram; e que aos seus ouvidos, desabituados do canto pacificador, pareça melodioso o «estorido da dinâmica combativa».

A atitude da imprensa perante o manifesto de escritores e jornalistas

E' digna de reparos e de severos reparos a atitude que a imprensa assumiu perante o manifesto que contra as deportações sem culpa formada subscreveram escritores, jornalistas, artistas e poetas, alguns dos quais são, sem o menor favor da crítica ou sem a menor lisonja desta terra, dos primeiros entre os primeiros do país.

O *Diário de Notícias* consagrou-lhe umas escassas linhas numa notícia insignificante, árida, desoladora, cheia de laconismo. Consagrou menos linhas ao manifesto assinado por pessoas de reconhecido talento das que costuma generosamente conceder à diverte fanhosa e sem gramática que estreia qualquer número pornográfico numa revista pornográfica. E' o mesmo jornal que desenvolve os crimes, contribuindo assim para os multiplicar, quem consagra uma notícia quasi invisível a um protesto sereno, concreto e elevado contra um crime, a pesar de um dos sinistros desse manifesto — o sr. Amadeu de Freitas — ser o seu redactor principal.

A *Tarde*, jornal que tomou atitudes tão concordes com as da policia que chegou a dar a impressão dum jornal subvencionado pelo coite do governo civil, que tem ao seu serviço um informador-redactor que era espião da policia como se provou numa assembleia do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, publicou uma noticia identica à do *Diário de Notícias*. E publicou-na na 3.ª página porque a 4.ª é de anúncios e a 5.ª não existe.

O *Diário de Lisboa* não infiliou ao lado desses jornais, tendo dado um certo destaque à sua referência ao manifesto, motivo porque merece esta referência feita dentro da mais strita noticia. O *Mundo* publicou-o na integra, sendo, excepção feita à *Batalha*, o único jornal que deu ao manifesto a importância a que ele tinha direito.

A *Imprensa Nova* no seu numero de ontem consagrou-lhe um artigo de fundo de aplauso do qual, com a devida vénia, extrairamos as seguintes passagens:

«Há quem chame ao manifesto assinado pelos escritores e jornalistas, relativo aos deportados da Guiné, uma questão sentimental. E de monóculos nos olhos desdenhosos, petulantes e escarninhos, os críticos afirmam não ter valor tal protesto visto ser obra de «poetas».

Naturalmente queriam que se fósse solicitador dos poderosos amaldiçoadores semelhantes palavras, desejavam que as solicitações dos políticos que degradaram gente sem julgamento e dos seus colegas do Congresso mudos e cínicos, ante as infâmias do governo Vitorino Guimarães, ante a medida anticonstitucional do ministério Vitorino Godinho; esperavam, talvez, que tivessem tais palavras e tais gestos os indivíduos mascarados de democratas e que todos os dias assassinam a Democracia: os adesivos de lucros largos, os espertos de cumplicidades vis, os das fortunas inconscissíveis e seus sócios do Poder; os que dirigem, já dando de comer aos governantes, já falando pomposamente de defesa social. Era isto o que esperavam em vez das assinaturas dos «poetas», dos trabalhadores da pena, desses inuteis lacaios de todos os poderes e de todos os crimes?»

Porém—e aqui é que nasce a razão—para se poder condenar é necessário julgá-los, e não se deve tolerar, diante dos Códigos, da Democracia, tão epregrado, das conquistas da nossa época, esse poder absoluto, como não existia em Portugal desde há séculos e que envia para as colónias homens que nemhum juri condenou nem sequer ouviu. Negar-se-lhes o que se concede aos mais vis criminosos. Um parricida é inquirido e é julgado.

Os jurados condenam-no. Porque não condenariam os que se enviaram para a Guiné se achassem provas de seus crimes? Diz-se por medo das represálias. Singular sociedade é esta em que os julgadores venhem diante dos que dizem criminosos. Tem-se a impressão da fraqueza das suas consciências. Talvez alguns sintam que os ensinaram a fabricar as bombas, e a disparar os tiros em nome de transformações sociais e por isso, agora acobardados diante da própria razão, capitulem de sentimentalismo, de romantismo esse protesto dos intelectuais que desejam apenas a legalidade, a acção dos códigos a exercer-se, a igualdade perante a lei e não fizeram um lamaritiano gesto, um poético apelo. E' conscientemente, para que não haja excepções vergonhosas, para que não predomine a injustiça social, que eles protestam. Não podem absolvições mas justiça rigorosa, porém com juizes, com advogados, com códigos e não pelo arbitrio de qualquer.

E os homens do Poder que se lembrem ter sido sempre esse arbitrio o maior gerador de revoltas.

OS QUE MORREM

Na Sala de Observações do Banco do Hospital de S. José, faleceu a madrugada passada, a Sra. Rosa Gomes da Silva, de 58 anos, natural de Ovar e residente na rua das Cosinhas Económicas, 17, 3.ª, aquela mulher, que, como noticiámos, foi anteriormente colhida pelo combóio em Alcântara.

MUSICA

O programa a executar hoje pela banda de musica da Brigada da Guarda Naval, na parada do Quartel, das 15 às 17 horas, é o seguinte: Nupale Belo, Gregório; Homenagem a V. L. Viçosa, solo por dois flautins, Fão; Sinfonia incompleta, 1.ª e 2.ª andamento, Schubert; 4.ª Rapsódia do Porto, Morais e Marcha Húngara, Damação do Fausto, Berlioz.

Liberdades públicas

Hoje, pelas 21 horas, na sede da Câmara Sindical do Trabalho, calçada do Combro, 38-A-2.º, realiza o dr. sr. Gonçalo Casimiro uma conferencia pública, em que dissertará sob o tema **Liberdades públicas**.

A comissão pró-regresso dos deportados espera que o operariado assista a esta conferencia—que como de costume principiará à hora marcada—a fim de com a sua presença afirmar a sua repulsa por todos aqueles que em pleno século XX ainda seguem os tórvos princípios reaccionarios.

Que nenhum operário falte, porque da sua presença depende o regresso dos deportados.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Ardeola» são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Madeira e por via Funchal para a Africa Austral, Cap-Town, Elisabeth e Africa Oriental.

Da caixa geral as ultimas tiragens de correspondência efectuem-se às 15 horas e para as registadas recebe-se até às 11 horas.

Um livro sensacional

Quereis saber o que é o bolchevismo russo como reacção contra o espirito revolucionário?

Lêde o impressionante livro de Archineff

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO MACNOVISTA

em que se descreve com todo o rigor e exactidão a revolução dos camponeses esmagada pelo governo dos soviets.

UM GROSSO VOLUME Esc. 10\$00
 N' venda em todas as livrarias e na administração de A. Batalha.
 Desconto aos revendedores.

Secção Telegráfica

Federações

MOBILIARIA

Sindicato do Porto e Guimarães.—Informem do que se passa.

Alfredo da Silva.—Coimbra.—Aguardamos resposta ao nosso officio.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Silves.—Respondam urgente, nossos officios.

Núcleo de Evora.—Respondam ao nosso officio. Acusem a recepção do expediente, urgente.

VINICOLA

Secção Federal do Norte.—Enviámos ontem dois massos de jornais, supomos haver troca na tipografia, virifiquem, e se houver, devolvam na volta do correio.

NACIONAL

Os aplausos foram unisonos e vibrantes em todos os finais de acto da *MIRAGEM* representada ontem neste teatro. A. Pinheiro tem sido muito cumprimentado pela forma como marcou todas as scenas do 3.º acto.

AGREMIACOES VARIAS

Liga de Instrução e Progresso.—Reúne hoje, pelas 20.30 horas, a assembleia geral, na sede da Cooperativa «A Xabreguense».

Sociedade Promotora de Educação Popular.—Continua, hoje, a reunião da assembleia geral para discussão e aprovação do regulamento desta benemérita colectividade, para o que se pede a comparencia dos dignos associados.

Aniversário da Cruz Branca

Passa hoje o 9.º anniversário da Associação dos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique—Cruz Branca. Comemorando esta data festiva realiaza-se hoje, pelas 21 horas, na sede daquela prestimosa corporação, rua Ferreira Borges, 35, uma sessão solene, sendo inaugurados dois retratos de individualidades que à causa da humanidade prestaram relevantes serviços.

COLISEU

Hoje - Às 21 horas (9 da noite) - Hoje

Grande Companhia de Circo

Notável successo dos aplaudidos artistas Miss Quincy—Auzonias—Alegria, Enhart, Olga & C.

Uma foca admiravelmente amestrada

O melhor e mais variado espectáculo de Lisboa

DOMINGO—Grandiosa «matinée»

2.ª-FEIRA—3 sensacionais estrelas 3

O celebre e arrojado domador SWANWIT

3 Ferozas tigras reais 3

Os notáveis acrobatas saltadoras ROCHI

7 SOBERROS E LINDOS CAVALOS 7

A vida e as obras de Pedro Kropotkine descritas por Adrian del Valle

Exposição de suas ideas

O anarquismo, como doutrina social, apresenta duas faces: demolidora uma, construtiva a outra. Na primeira, faz a critica despiadada das instituições presentes, baseadas no capitalismo e na autoridade; na segunda, apresenta as bases de uma sociedade livre e igualitária.

Os economistas burgueses cometem um erro grave quando avaliam a riqueza duma nação pelo que possuem as classes ricas. Para elles as massas desapossadas não se contam para nada, quando são precisamente ellas que constituem a maioria e as que com o seu trabalho, em troca duma retribuição mísera que não chega para satisfazer as suas necessidades, produzem as riquezas de que se apropria a minoria.

Para que uma nação possesse chamar-se rica, deveriam os seus naturais ter meios de subsistência amplamente compatíveis com as suas necessidades; e isto não o conseguem, nem mesmo trabalhando, os que trabalham, estando condenados a fome quando carecem de trabalho, carência que é geral nas épocas de crises que se manifestam periodicamente.

O nosso sistema social implica a abundância para uma minoria e a escassez e a absoluta miséria para a maioria, e tem como características a arbitrariedade e a insuficiência na produção que obedece a objectivos de lucro, à insegurança do trabalho e ainda à instabilidade das fortunas.

No entanto, com os actuaes meios de produção, poderia haver abundância de tudo. Não faz sentido que haja indivíduos que desejem trabalhar e não possam, e que consequentemente passem necessidades quando há grandes extensões de terrenos incultivos e as fábricas permanecem encerradas. A causa desses males consiste em que não se produz para satisfazer as necessidades da sociedade, mas sim para beneficiar a minoria possuidora da terra e das fábricas e dos demais elementos da sociedade.

Para evitar tão monstruosa anomalia, para que o trabalho humano resulte produtivo para todos, é necessário socializar-lo. Para socializar é indispensável recorrer à expropriação da riqueza, pondo à disposição da comunidade, terra, minas, fábricas, oficinas, caminhos de ferro, em suma, todos os meios de produção e transporte. E para levar a effecto a expropriação, ter-se há que recorrer à revolução para vencer a resistência da minoria possuidora da riqueza e do poder.

Todos os socialistas são partidários da expropriação e socialização da riqueza; porém, o socialismo divide-se em duas escolas: a autoritária ou marxista, que parte do Estado; a libertária ou anarquista que parte do indivíduo e dos seus livres agrupamentos.

A primeira tende a que o Estado seja o único patrão, convertendo os indivíduos em seus assalariados.

O Estado socialista, por descentralizado que se suponha, implicará sempre jerarquia e imposição, desigualdade e dependência, pelo simples facto de manter a autoridade e o salário.

Os anarquistas, fieis às constantes aspirações das massas, negam o governo e o salário e proclamam o comunismo como a melhor forma social.

O comunismo estabelece como base económica da sociedade, que todos os indivíduos aptos a trabalhar desde o momento que fazem parte da comunidade têm o dever de contribuir para a produção do útil, disfrutando todos do trabalho de todos. Impossibilita o retorno da desigualdade de condições e o resurgimento do capitalismo. Responde ao carácter da produção moderna, na qual não é possível determinar a parte integra com que cada indivíduo contribua para a produção. Em vez de fomentar antagonismos, cria novos laços de solidariedade, tanto para o trabalho como para o gozo comum do bem estar. Põe à disposição de todos, sem preferências, a imensa riqueza social, produto dos esforços combinados de muitas gerações. A posse comum dos meios de produção, implica o gozo comum dos produtos.

Na actual sociedade já se manifesta a tendência evolutiva que nos levará ao comunismo. A cada momento vemos surgir instituições que distribuem os seus serviços segundo as necessidades do indivíduo: tais são os museus, bibliotecas, escolas públicas, hospitais, sociedades de salvamento, benéficas, de instrução, cooperativas de apoio mutuo, de recreio, parques públicos, serviço de águas, transportes urbanos, etc., etc.

O governo não é uma instituição necessária; pelo contrario, é o maior obstáculo ao desenvolvimento social. Criação das minorias privilegiadas, tem por principal missão a protecção e defesa dos seus interesses. A educação tendenciosa que recebemos é o que nos faz crer na necessidade de um poder governamental. No entanto,

na maior parte dos actos da nossa vida, não tem participação o governo, e quando a tem é para dificultá-lo ou entorpecê-lo. A acção da iniciativa privada, individual e colectiva, tem sido sempre superior à do governo, em todas as esferas da actividade humana. A vida económica, científica, artistica, etc., duma nação, está dirigida pelos esforços espontâneos dos indivíduos e dos grupos que estes constituem.

Todas as formas possíveis e imagináveis de governo têm sido ensaiadas e todas têm funcionado para manutenção dos privilégios da classe possuidora. O governo das maiorias—que só de nome são maiorias—é tão defeituoso como os outros. Os seus pretensos serviços são maus e caros. A sua missão é intervir sempre em favor dos que possuem. O governo imparcial, que por igual defenda os direitos e interesses de todos, jamais existiu ou existirá.

Não pode confiar-se numa limitação de governo, nem em que este pode chegar a ser a verdadeira expressão da vontade popular. O ideal é chegar à supressão do governo, moldando a sociedade na livre federação de todos aqueles ramos de caracter geral que hoje se consideram atribuições do Estado.

Três objecções se fazem à abolição do governo: Quem obrigará a que se cumpra um convénio? Numa sociedade de homens livres e iguais todo o convénio tem que ser livre, e por tanto, o indivíduo só está obrigado por sua própria vontade. Quem trabalhará? O trabalho é uma necessidade fisiológica; só o trabalho excessivo e repulsiivo se torna desagradável. Quem castigará os que delinque? Os actos anti-sociaes, que hoje se cometem, são produtos da própria organização social. O degenerado é um enfermo, e como tal se tratará. As pequenas diferenças que individual ou colectivamente se produzem, poderão ser harmonizadas ou solucionadas por árbitros amigaveis.

(Continua)

'A Batalha' na provincia e arredores

Leixões

A comédia das eleições

LEIXÕES, 10.—As eleições cá na vila decorreram no meio do maior entusiasmo e liberdade de voto! E senão fôr a «Legião Vermelha» que se encheu de dar tiros e lançou duas bombas à porta do director do «realço» trauliteiro? o acto teria sido uma das maiores consagrações da «nossa República»!

Parece impossível que as autoridades não tivessem conseguido deitar a mão aos «temíveis legionários vermelhos» para, despatchando-os para a Guiné, mostrar uma vez mais que a Justiça é nesta benedita terra uma deusa a que se presta o devido culto...

Que digam agora que quem deita bombas são os... legionários. Era a esses terríveis bandidos que importava imenso que a «monarquia se tivesse implantado» em Peralta, não?

Que pânico causou entre os indefectíveis a votação trauliteira! E é que se não se agacham, tinhamos ali na freguesia de que é natural o nosso amigo Zé Domingues, a dinastia brigantina! Bem se diz que na sua terra ninguém é profeta! Aguardamos ansiosos o primeiro numero do *Monitor*, para ler as baboseiras dos conspícuos jornalistas sobre as suas grandes vitórias eleitorais em... Peralta!

Com a reeleição do comandante contagios, pai, filho e espirito santo dos voluntários cá da terra, coincidiu a formação de um grupo de rapazes que não está disposto, ao que parece, a consentir nas perigosas vaidades do tal trauliteirismo senhor.

Pedem-nos para que, por este meio, aviseamos a população de Leixões de que os Voluntários do Porto não deixarão de prestar os seus serviços quando daqui requisitados, e que se o não têm feito até hoje isso se deve a não haver quem os avise, talvez por se julgar que os bombeiros não podem vir a Leixões com o material.

Aí fica, pois, a prevenção, que gostosamente fazemos, crentes de que a vinda dos Voluntários do Porto só servirá de estímulo à nossa corporação de voluntários, tão mal dirigida por um homem que, embora cheio de medalhas até ao umbigo, não deixa de, por vaidade, fazer as mais perigosas tolices.

A RENOVACAO VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

TEATROS, MUSICA E CINEMAS

No Maria Vitória

O quadro novo. — Estréia de Hortense Luz

A afortunada revista «Rataplan» de Gregos e Troianos recebeu agora o engaste dum quadro alusivo à festa dos mercados, de complicada memória. De caminho estreou-se Hortense Luz, ingénua da companhia Ergo Lucilla Simões.

O novo quadro está dentro do traçado geral da peça e compõe-se de alguns números felizes, sendo o melhor o da «menina casadoira», em que Alberto Ghira dá largas à sua piada, habitual. Agradou.

Hortense Luz, exibindo-se em alguns números que a não a ajudam, revelou qualidades para o género teatral que adoptou agora. Simpática, vozita agradável, pisando bem, não é de admirar que vá proseguindo com êxito na sua nova carreira.

Os artistas que estão dentro da revista desde o seu começo, portaram-se com diligência, sendo espiritualmente felizes por Santos Carvalho a rábula do «ferro velho», que é bem observado. A música do quadro novo e dos números novos é ligeira e aprazível.

Nogueira de BRITO.

Rêclames

No espectáculo desta noite no Colisen dos Recreios tomam parte todos os artistas que compõem a grande companhia de circo que exhibirão os seus mais vistosos e surpreendentes trabalhos. Os exercicios da foca amestrada, dos notáveis gymnastas Auzonias, de Miss Quincy e da troupe Alegria Enhart, Olga & C. continuam a chamar as atenções do publico sendo todas as noites aplaudidíssimas.

No domingo realiza-se uma grandiosa metinée e na segunda-feira effectua-se três estréias sensacionais: a de três ferozes tigras reais apresentados pelo célebre domador Franchi; a dos notáveis acrobatas Rochi e a de sete lindos e soberbos cavalos apresentados pela troupe Zachini.

— Prosegue uma deliciosa «maré de caracéis» no Eden-Teatro, a brilhante carreira da popular revista «No país do tirismo» que todas as noites tem o condão de arrastar para o elegante teatro uma multidão de todas as classes sociais. «No país do tirismo» repete-se hoje.

— Apenas três noites, contando com a de hoje, se demora em scena no Apolo a gloriosa peça dramática «O Saltimbanco», que sai de scena em pleno triunfo, para dar lugar à peça universal «Um inimigo do povo», de Henrik Ibsen, cujo protagonista José Alves da Cunha vai interpretar pela primeira vez.

— Repete-se hoje no Nacional a brilhante peça de Carlos Selvagem, «Miragem», que está fazendo um justificado êxito, mas que é forçada, dentro de dias, a sair de scena para dar lugar à peça italiana «As duas melindres», cujos ensaios vão adiantadíssimos.

— Outro sensacional programa de bons «films» exhibe hoje o Chiado Terrasse, dos quais se destaca «Loucuras da mocidade», 8 partes, com principal interpretação de Mary Carr. «Ricardito, o gato montez», actos de aventuras polo atleta saltador Ricardo Talmadge, e outros «films» de êxito.

APOLO

Interesse, sentimento, honestidade e emoção se encontra todas as scenas do SALTIMBANCO, o ultimo enorme êxito deste teatro.

Rendimentos dos operários

Depois de operado no Banco do Hospital de S. José, pelos dres. Alberto Mac Briede, Celestino Henriques e Moraes Sacramento, recolheu à enfermaria de Santo António, Constantino Cardoso, de 31 anos, carreiro, natural e residente nas Amoreiras (Obidos) que, no dia 7 último, próximo à Serra de El-Rei, foi colhido pela carroça de que era condutor, ficando contuso no ventre e com várias lesões internas.

Queda desastrosa

No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço foi pensado recolhendo depois à Sala de Observações do hospital de São José, Celeste Berta do Carmo, Graça, de 3 anos, filha de Alfredo Graça e de Maria d' Carmo, moradora na rua da Silva, 30, 1.ª, que caiu da janela da residência à rua, ficando muito contusa pelo corpo.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE NOVEMBRO

Q.	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	12	19	26	Aparece às 7,18
S.	13	20	27	Desaparece às 17,24
S.	14	21	28	FASES DA LUN
D.	15	22	29	L. C. dia 30 às 8,11
S.	16	23	30	L. M. " 8 " 15,13
S.	17	24	—	L. N. " 10 " 6,38
S.	18	25	—	Q. G. " 23 " 2,66

MARES DE HOJE

Pratamar às 0,47 e às 1,07
Baixamar às 6,17 e às 6,37

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95\$00
Madrid, cheque		2881
Paris, cheque		\$80
Suiza, cheque		3579
Bruxelas, cheque		\$89
New-York, cheque		19560
Amsterdão, cheque		7591
Itália, cheque		\$78
Brasil, cheque		3500
Praga, cheque		\$59
Suécia, cheque		5526
Austria, cheque		2577
Berlim, cheque		4568

ESPECTACULOS

TEATROS

Nacional.—As 21.—Miragem.
Bellefleur.—As 21.—Raparigas de hoies.
Epilo.—As 21.—O Salimbanco.
Ulmindo.—Não há espectáculo.
Trindade.—As 21.—Madame Pompadour.
São Luis.—As 21.—A Montaria e La Goya.
Frenida.—As 21.—O Pão de Ló.
Eren.—As 21.—No país de crismos.
Hilvia Vilela.—As 21.—O Salimbanco.
Colibri.—As 21.—Companhia de cinema.
Santo Tor.—Animatographo e Variedades.
Fil Vilela (da Graça).—As 20.—Animatographo.
Trinidade.—Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli.—Olimpia.—Central.—Condes.—Chiado Terrace.—Ideal.—Arco Bandeira.—Promotora.—Esperança.—Tortoise.—Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande feira de propaganda tem dado lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas nacionais são produzidas em Portugal. Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens e pedras.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como todas as pedras necessárias, tubos, molas, chaminés de 1 a 2 metros, tampões, vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55 e 56, a preços muito baixos. Dirigir-se a Francisco Pereira Lata, a casa que fica no mesmo local.

Gaminhos de Ferro do Estado

DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE
Serviço de Armazens Gerais
AVISO

Torna-se público, pelo presente aviso, que o concurso para reparação de locomotivas anunciado para 20 de outubro e que pelo aviso de 14 do mesmo mês ficou suspenso, realizar-se há em 16 do corrente, às 13 horas, devendo as respectivas propostas ser entregues até esse dia e hora.

Lisboa, 6 de novembro de 1925.—Pelo engenheiro-chefe do Serviço de Armazens Gerais, (a) *Júlio José dos Santos*.

ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisio-terápico do Estoril

Aberto todo o ano

Banhos de água mineral e salgada. Banhos carbo-gasosos e sulfurosos artificiais.—Duches.—Lamas.—Banhos de limpeza.—Tratamentos pela luz, calor, electricidade e massagem. Irradiações de raios ultra-violetas.

Tratamento do reumatismo, gota, nevralgias; doenças cardio-vasculares; doenças de seniores; paralisias; hipertensão; doenças da pele, etc.
Aberto todo o ano. Consulta das 9 às 12 horas.

OS MISTERIOS DO POVO

OS MISTERIOS DO POVO

N.º 574

Joana Darc—Afirmo, porque é a verdade!
O bispo Cauchon, com ar triunfante aos escrivães—Escrevestes textualmente a resposta?
Um escrivão—Sim, senhor.
Um juiz—E em França, Joana, ouviste também essas vozes? De onde vinham elas?
Joana Darc, com profunda convicção—Ouvi, sim, senhor; essas vozes vinham de Deus.
Muitos juizes fazem perguntas incoerentes ao mesmo tempo, para perturbar Joana que responde serenamente:
—Assim não posso responder a todos a um tempo; perguntai cada um por sua vez.
Um juiz—Foi ao anjo São Miguel que prometeste ficar virgem?
Joana Darc, com púdica impaciência. Foi às minhas santas que eu fiz esse voto.
O bispo Cauchon—Não tiveste também a aparição de Santa Catarina e de Santa Margarida?
Joana Darc—Tive, sim, senhor.
O bispo Cauchon, lentamente—Estais bem certa disso?
Joana Darc—Tão certa como de vos ver! Afirmo-o! Grave silêncio entre os juizes, alguns tomam apontamentos e outros falam em voz baixa.
O bispo Cauchon—São Miguel também vos apareceu?
Joana Darc—Também, sim, senhor.
O juiz—Como vinha ele vestido?
Joana Darc—Não sei.
O juiz—Então o anjo vinha nu?
Joana Darc, corando—Penseis que Deus não tinha com que o vestir?
O bispo Cauchon—Falais com muita ousadia. Julgais-vos ainda na graça de Deus?
Joana Darc—Se não o estou, que Deus me receba nela, se o estou que Deus me conserve! (com altivez e firmeza). Mas notai vós; julgando-me tomais um pesado encargo... e o meu, comparecendo perante vós, é tão ligeiro!

Estas nobres palavras, pronunciadas pela guerreira com a profunda convicção da sua inocência e que testemunhavam a sua desconfiança daqueles abomináveis juizes, são o resultado de uma grande mudança que se tinha operado no seu espírito desde o começo do seu interrogatório. Ela acabava de invocar secretamente as suas vozes...; elas tinham-lhe respondido:
—Vai, não temas coisa alguma, e responde corajosamente a esses pérfidos juizes... A tua consciência está pura... Deus está contigo...; ele não te abandonará...
Fortalecida por este pensamento, por esta esperança, a heroína levanta a fronte, o seu pálido e belo rosto cora ligeiramente, e os seus grandes olhos pretos fixam-se resolutamente no bispo...; ela presente que é o seu inimigo mortal. Os outros juizes notam a firmeza sempre em aumento que mostra a acusada, um momento antes tão tímida e tão abalada; esta transformação é de favorável agouro para a realização dos seus infames projectos. Joana Darc, na sua altiva animação, pode e deve deixar escapar declarações que ela teria ocultado conservando-se reservada, tímida e desconfiada. O prelado, apesar da sua malvadez, sente pesar sobre ele o olhar puro e angelical da acusada; abaixa a face hipocrítica, desvia os olhos e continua o interrogatório com voz pouco firme.
O bispo Cauchon—Foi então por ordem dessas vozes que partistes de Vaucouleurs à procura de um tal capitão Roberto de Baudricourt, que vos deu uma escolta com a qual vos apresentastes ao rei, prometendo-lhe levantar o cerco de Orleans?
Joana Darc—Sim, senhor, é essa a verdade.
O bispo Cauchon—E distastes uma carta para o duque de Bedford e para outros ilustres capitães ameaçando os ingleses com a morte?
Joana Darc—Ditei essa carta em Poitiers, e essa ameaça era só no caso de persistirem em vexar a pobre França com toda a casta de misérias!
O bispo Cauchon—E não escreveste essas cartas

sob a invocação de Jesus Cristo e da Virgem Imaculada?
Joana Darc—Fazia escrever no alto das cartas os nomes de Jesus e Maria com uma súplica. Há nisso algum mal? (O bispo não responde. Os juizes parecem dar grande importância a esta resposta).
O bispo Cauchon—Como assináveis as cartas?
Joana Darc—Não sabendo escrever, assinava de cruz no fim dos pergaminhos e em nome de Deus... Esta resposta é apontada com tanto interesse como a outra. O bispo espera que os escrivães acabem de tomar nota para de novo perguntar:—E depois de vários combates obrigastes os ingleses a levantar o cerco de Orleans?
Joana Darc—Combati pelo conselho das minhas vozes e Deus quis que saísse vitoriosa!
Um juiz—Se essas vozes eram das santas que dizeis, odeiam então elas os ingleses?
Joana Darc—Elas odeiam o que Deus odeia; e amam o que Deus ama.
Outro juiz—Mas Deus ama os ingleses, pois que por tanto tempo os fez vencedores, a ponto de conquistarem uma grande parte da França.
Joana Darc—Abandonou-os depois em castigo das suas crueldades.
Outro juiz—E porque é que Deus vos escolheu a vós, em lugar de escolher qualquer guerreiro para os bater?
Joana Darc—Porque aprouve ao Senhor castigá-los pela mão de uma pobre rapariga como eu sou!
O juiz—Quanto vos pagava o rei pelos vossos serviços?
Joana Darc, com altivez—Nunca lhe pedi senão boas armas, bons cavalos, e a paga dos meus soldados...
O bispo Cauchon—Quando entrastes na guerra mandaste fazer um estandarte, de que fazenda era ele, e que pinturas tinha?
Joana Darc, com tristeza lembrando-se das vitórias alcançadas, a sombra daquele estandarte sobre os ingleses, em cujas mãos agora se via—Era de setim

branco, e tinha anjos sustentando flores de luz em honra do rei.
Estas palavras são notadas com interesse por vários membros do tribunal.
Um juiz—E renovastes muitas vezes esse estandarte?
Joana Darc—Tantas quantas vezes a haste da sua lança se quebrou nas batalhas, o que aconteceu muitas vezes.
Outro juiz—Entre aqueles que vos seguiam não haviam alguns que mandavam fazer estandartes iguais aos vossos?
Joana Darc—Alguns, sim, outros, não.
O juiz—Os que levavam bandeira igual à vossa, eram eles porventura felizes na guerra, punham os ingleses em debandada?
Joana Darc—Sim... quando eram valentes... triunfavam dos ingleses.
Outro juiz—Era por vos julgarem inspirada por Deus que as vossas tropas vos seguiam ao combate?
Joana Darc—Eu dizia-lhes: «Marchemos ousadamente sobre os ingleses!» Eu era a primeira a partir... e eles seguiam-me.
O juiz—Finalmente a vossa gente julgava-vos inspirada por Deus?
Joana Darc—Quer me julgassem inspirada, quer não, confiavam na minha coragem.
O bispo Cauchon—Por ocasião da sagração do rei na cidade de Reims, não fizestes vós, porventura agitar a vossa bandeira por cima da cabeça do príncipe dr.
Joana Darc—Não; mas fui a única que, entrincheirada de guerra, acompanhei o rei até a catedral de Reims, a minha bandeira na mão.
Um juiz, com azeidume—Com que então, ante resistências não levavam as suas bandeiras nesta solenidade em que vos leváveis a vossa?
Joana Darc—O meu estandarte tinha sido levado aos perigos...; era justo que assistisse às honras.
Esta resposta sublimada, dum tão legítimo e tão tocante orgulho, enche de admiração os algeiros da vitória, a pesar do seu encarniçamento contra ela. Palavras

Valério, Lopes & Ferreira, L.
FERRAGENS E FERRAMENTAS
Metais, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para cadeiras, — guarnições para móveis —
Chapa ferro preta e zincada
Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.
84, R. DO IMPERIO. 86—LISBOA — TELEF. 3930, N. 1 gramas, FERRAGENS

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL
Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.
Telefone — 539 Trindade
Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Ler o Suplemento de A BATALHA

FOTOGRAVURA TRICROMIA ZINCOGRAFIA DESENHO

GRANDE PREMIO RIO DE JANEIRO 1908
GRANDE PREMIO E MEDALHA DE OURO LISBOA 1913
PREMIO DE HONRA LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECANICA
Largo do Conde Barão 49
LISBOA
TELEFONE 2554

FATOS COMPLETOS E SOBRETUDOS
em boas fazendas de 11 com bons forros desde 149\$00
IMPREMISSIS INGLESES com tinta e rapuz, desde 149\$00
CAPAS ALENTEJANAS desde 189\$00
CALÇAS desde 39\$00
ABATIMENTOS PARA REVENDA
O CHAVES DO CONDE BARÃO
170, Rua da Boavista, 172

Rectificação

A firma da sociedade cujo estatuto se publicou na Batalha de 30 de Outubro do ano corrente é Teixeira Soares, Limitada, e não Teixeira Soares, Limitada, como por equívoco se publicou.

O notário

José António de Azevedo Borralho Junior

Para os devidos efeitos se faz público que, por escritura de 10 de Outubro do ano corrente, outorgado perante o notário abaixo assinado, foi constituída uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada, nos termos e sob as cláusulas constantes dos artigos seguintes:

1.ª Que a sociedade adopta a firma **Mário, Pinto & Baptista, Limitada**, terá a sua sede nesta cidade e estabelecimento na Calçada do Carmo, 37-A;

2.ª O seu objectivo é o exercício do comércio e indústria de ourivesaria e de relojoaria e tudo quanto com este se relacione e mais os que a sociedade resolve adoptar, salvante o bancário;

3.ª A sua duração é por tempo indeterminado datando de hoje o seu começo;

4.ª O capital de 24.000\$00 acha-se subscrito com: a) — A cota do sócio Mário Correia no valor de 100\$00; b) — A cota do sócio Alfredo Alves Pinto de Moura, no valor de 11.950\$00, realizada; e c) — A cota do sócio Aníbal Baptista Correia, no valor de 11.950\$00, realizada;

5.ª A cessão de cotas a estranhos, fica dependente do consentimento da sociedade, que terá sempre o direito de opção;

6.ª A sociedade será representada em juízo e fora, activa e passivamente, por qualquer dos gerentes; § 1.º Ficam nomeados gerentes os sócios com dispensa de caução e a remuneração que em assembleia for determinada; 2.º A firma nunca poderá ser empregada em fianças, abonações, letras de favor e mais actos ou documentos estranhos aos negócios dela;

7.ª Os balanços dar-se-ão em 31 de Dezembro de cada ano e os lucros líquidos que se apurarem, extrairão 5% para fundo legal de reserva, enquanto não estiver realizado, ou sempre que seja preciso reintegrá-lo, serão partilhados em partes iguais pelos sócios;

8.ª Não haverá prestações suplementares, mas qualquer dos sócios poderá fazer à Caixa os suprimentos necessários, ficando as respectivas importâncias a vencer pelo igual ao de desconto do Banco de Portugal;

9.ª As assembleias convocadas pela gerência quando esta o entender por carta registada, com 8 dias de antecedência, salvo casos que a lei exija terem outra forma convocatória;

10.ª No caso de falecimento ou de interdição do sócio, não há dissolução, sendo os direitos do falecido ou inábil exercidos pelo seu legal representante, enquanto a quota estiver indevida, e depois quanto aos herdeiros por aquele a quem for adjudicada; se a sociedade ou o sobrevivente ou habilitado pretenderem amortizá-la terão de notificar a resolução dentro de três meses após o obtido ou a sentença declaratória de interdição;

11.ª A amortização compreenderá o pagamento da quota pelo valor do desembolso, acrescido da correspondente parte do fundo de reserva e dos lucros relativos ao período do decurso desde o último balanço pelo qual serão calculados;

12.ª A sociedade pode dissolver-se nos termos da lei e por vontade simples de sócios sendo todos liquidatários;

13.ª Os sócios por si, seus herdeiros ou representantes, obrigam-se a não requerer em caso algum imposição de selos ou arrolamento nos bens sociais sob pena de perda de tudo a que possam ter direito em favor da sociedade;

14.ª Nos casos omissos regulará-se as disposições legais aplicáveis e fica fixado para a sociedade o foro da comarca de Lisboa.

Lisboa, 18 de novembro de 1925.

O notário

José António de Azevedo Borralho Junior

“A BATALHA” No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

ACABA DE SAIR
O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Famoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.
A Revolução Social e o Sindicalismo
Por Arkhiof. Preço \$50.

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Elementos gerais

Algebra elementar

Nomenclatura, notação e operações algébricas; equações do 1.º e 2.º grau; teoria dos logaritmos; exercícios algébricos e tábuas de logaritmos dos números 1 a 10000, por GUILLERME JENS FERRAZ.

1 volume de cerca de 300 páginas, encadernado em percalina... 13\$00

Aritmética prática

Numeração e operações sobre números inteiros, quebrados e decimais; composição de números e equações numéricas; números complexos; sistema métrico; regras de três e conjunta; regra de câmbio; anuidades; tábuas de logaritmos dos números 1 a 10000, por CUNHA ROSA.

1 volume de 384 páginas, encadernado em percalina... 15\$00

Desenho linear geométrico

Noções gerais até ao traçado da evolvente; círculo, catenária; projecções ortogonais, perspectiva, etc., por CUNHA ROSA.

1 volume de 192 páginas, encadernado em percalina... 12\$00

Elementos de electricidade

Preliminares; geradores químicos de corrente eléctrica; magnetismo; indução; geradores mecânicos de corrente continua; acumuladores; geradores mecânicos de correntes alternativas; leis fundamentais das correntes eléctricas; distribuição das correntes eléctricas; iluminação; motores; telegrafia, telefonia e outras aplicações, por ALBERTO DE CASTRO FERREIRA.

1 volume de 784 páginas, encadernado em percalina... 30\$00

Elementos de física

Generalidades; atracção universal; líquidos; gases; ar atmosférico; calor, optica; luz; acoustica; electricidade e magnetismo, etc., pela direcção da BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL.

1 volume de 184 páginas, encadernado em percalina... 12\$00

Elementos de Mecânica

Noções gerais; estática; cinemática; dinâmica; etc., por EUGÉNIO ESTANISLAU DE BARROS.

1 volume de 230 páginas, encadernado em percalina... 12\$00

Elementos de Modelação

Origem, material, instrumentos, modelos, modelação em cera, ornato, arquitectura e figura. Apontamentos anatómicos, proporções do corpo humano, escultura em pedra e madeira, Exemplificação de motivos decorativos aplicados à ornamentação escultural, por JOSEPH FULLER.

1 volume de 150 páginas, encadernado em percalina... 12\$00

Elementos de Projectos

Projectos do ponto, da recta e do plano; mudança de lugar dos planos de projecção; intersecções de planos e de rectas com planos; rotações e rebatimentos; perpendicularidade das rectas e dos planos; linhas curvas planas, por JOÃO ANTONIO PIROTO.

1 volume de 405 páginas, encadernado em percalina... 16\$00

Elementos de Química

Generalidades; metalóides; metais; metais comuns e intermediários; química orgânica; corpos orgânicos, etc., pela Direcção da BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL.

1 volume de 330 páginas, encadernado em percalina... 12\$00

Geometria plana e no espaço

Estudo e resolução de problemas numéricos e gráficos, sobre a linha recta; circunferências, linhas proporcionais e superfícies. Estudos das linhas relativamente aos planos e ângulos. Diedros, poliedros, prismas, pirâmides, sólidos redondos, áreas das superfícies polidricas, áreas dos corpos terminados por superfícies curvas, volume dos poliedros, volume dos corpos terminados por superfícies curvas, noções sobre nivelamento, tabelas e fórmulas diversas, etc., por A. CUNHA ROSA.

1 volume de 390 páginas, encadernado em percalina... 13\$00

Fabricante de tecidos

Noções gerais sobre a lã, algodão, linho, juta e cânhamo. Preparação da lã, Cardar, penetrar e fiar a lã, algodão, linho, juta e cânhamo. Operações preparatórias da tecelagem. Princípios de debuxo, acessórios de tecelagem. Tecelagem em teares manuais e mecânicos. Tinturaria e branqueamento do algodão. Acabamentos e cálculos de fabrico, por José Maria de Campos Melo.

1 volume de 260 páginas, encadernado em percalina... 13\$00

Mecânica

Torneiro e Frezador mecânicos

Descrição dos fornos mecânicos, características e acessórios. Ferramenta do torneiro. Trabalhos do torno. Roscas e parafusos dos diversos sistemas, dimensões, tabelas e operações de abrir roscas. Movimentos, tornos especiais, etc., Máquina de frezar ou frezadores. Sua classificação e descrição. Acessórios e ferramentas da máquina frezadora. Características, trabalhos e transmissões das frezadoras, etc., por JOÃO SEQUEIRA DE CASTRO.

1 volume de 320 páginas, encadernado em percalina... 15\$00

Desenho de máquinas

Utensílios de desenho e sua aplicação, convenções de traços e cores; escalas dos desenhos; cortes e secções; cotas e dimensões; esboços cotados; execução e disposição dos desenhos, agulhas e tintas, letras, títulos e legendas; projecções e intersecções, desenhos ampliados, descrição de diversos metais; exercícios de desenho à vista, desenho rigoroso, indicações práticas e proporções de diversos órgãos de máquinas, tabelas, etc., por TOMÁS BORDALO PINHEIRO.

1 volume de 340 páginas, formato 16x22 encadernado em percalina... 25\$00

Material agrícola

Matérias primas de construção; conservação do material agrícola; trabalhos culturais; ferramenta agrícola para a pequena cultura; revolvimento da terra; cultura da planta; colheita; preparação dos produtos; tratamento das plantas; aparelhos agrícolas para a cultura mediana; charruas de revolvimento fixo, alternado, duplo, especial; tracção das charruas; máquinas agrícolas para a grande cultura; preparação das terras; lavoura mecânica; debulha; enfiamento de palha; preparação de comida para o gado; elevação de águas; motores agrícolas e transformação de produtos agrícolas, por H. FRANCIS DA SILVA.

1 volume de 270 páginas, encadernado em percalina... 13\$00

Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor

Gerador de vapor; tipos diversos de caldeiras; detalhes, acessórios e aparelhos auxiliares das caldeiras; nomenclatura detalhada das máquinas de vapor em geral; diferentes tipos de máquinas de vapor terrestres e marítimas, por ANTONIO JOAQUIM DE LIMA E SILVA.

1 volume de 280 páginas, encadernado em percalina... 13\$00

Problemas de máquinas

Problemas dos mais usuais para a avaliação das superfícies e volumes, com aplicações de princípios de física e mecânica; problemas sobre caldeiras e máquinas de vapor; resistências de materiais, etc., por ANTONIO JOAQUIM DE LIMA E SANTOS.

1 volume de 400 páginas, encadernado em percalina... 16\$00

Construção Civil

Acabamentos das construções

Trabalho de coberturas (telhados, etc.); estuques, decorações e ornatos, tintas, pinturas, fingimentos, douraduras, colocações de azulejos, ladrilhos, lambrias, pavimentos; mais trabalhos concernentes ao acabamento de um edificio, por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.

1 volume de 340 páginas, encadernado em percalina... 16\$00

Alvenaria e Cantaria

Emprego nas construções das pedras em geral; paredes e muros de cantaria, alvenaria, tijolo, alvenaria de aglomerados; espessura das paredes e sua estabilidade; arcos e abóbodas; vãos de portas e janelas, escadas de pedra; chaminés; elementos orgânicos; trabalho do pedreiro e descrição da sua ferramenta, etc., por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.

1 volume de 380 páginas, encadernado em percalina... 13\$00

Edificações

Descrição de um projecto de uma casa; indicações gerais sobre edificios e sua distribuição interior; descrições genéricas dos elementos arquitectónicos das fachadas; bastantes exemplos de projectos de edificios e resumo da legislação portuguesa e brasileira concernente a edificios, por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.

1 volume de 260 páginas, encadernado em percalina... 13\$00

Enquadramentos e salubridade das habitações

Estudo do abastecimento de água, gás e electricidade. Esqotos, instalações de retrotes, urinóis, banhos, fossas, etc., ventilação e aquecimento das casas, princípios higiénicos a seguir nas construções, por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.

1 volume de 300 páginas, encadernado em percalina... 13\$00

(1) La Révolution Prolétarienne, Paris Q N. 10
Octobre 1924.